

A Entrada Da Venezuela No MERCOSUL E A Mídia: Uma Análise Da Visão Da Folha De São Paulo e o Estado De São Paulo

Marcos Alan S. V. Ferreira. Professor Adjunto III da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: marcosalan@gmail.com

Gabriel de F. L. Lira. Pesquisador Associado ao Grupo de Pesquisa Segurança, Estudos de Paz e Ordem Internacional da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: gabrielflira@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar a cobertura da imprensa brasileira sobre a adesão da Venezuela ao MERCOSUL, em especial os diários Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo, dois dos principais jornais do país. Busca-se entender como ambos jornais reportaram o processo e, consequentemente, seu viés diante deste importante acontecimento no âmbito regional. Foram examinadas através do método de análise de conteúdo 295 notícias dentre editoriais, artigos de opinião e notícias informativas publicadas pelos dois jornais. As teorias que expõem a relação entre a mídia e política externa serviram como arcabouço teórico para a realização deste trabalho. Os resultados demonstram que a união de notícias de cunho negativo e a construção de um personagem antidemocrático, aliados a editoriais de posicionamento, expõem as tentativas da Folha e do Estadão de construir um consenso de que a adesão venezuelana não seria benéfica para o país nem para o MERCOSUL.

Palavras-Chave: Mídia; Relações Internacionais; Venezuela; MERCOSUL

Abstract

This paper aims to analyze the coverage of the Brazilian press on the accession of Venezuela to MERCOSUR, particularly the newspapers Folha de São Paulo and O Estado de São Paulo, two of the main Brazilian daily newspapers. It seeks to understand how both newspapers reported the case and, consequently, its bias towards this important event in the region. In order to make the analysis viable, 295 news from editorials, opinion articles and informative reports published by two newspapers were examined through the content analysis method. The theories that expose the relationship between the media and foreign policy served as the theoretical framework for this work. The results shows that a both a negative bias and the construction of an antidemocratic profile of Venezuela polity, exposes the attempt of Folha and Estadão to build a consensus in Brazil that the Venezuelan adhesion would not be beneficial for the country neither to MERCOSUR.

Keywords: Media; International Relations; Venezuela; MERCOSUR

A Entrada Da Venezuela No MERCOSUL E A Mídia: Uma Análise Da Visão Da Folha De São Paulo e o Estado De São Paulo

Marcos Alan S. V. Ferreira – Universidade Federal da Paraíba
Gabriel de F. L. Lira – Universidade Federal da Paraíba

1. INTRODUÇÃO

Conforme expõem Freixo e Rodrigues (2014), é possível configurar a mídia como um ator relevante nas relações internacionais que influencia opiniões, mas que também atua como um agente ativo nos processos políticos. Autores importantes como Noam Chomsky, Edward Herman e Eytan Gilboa, tratam de estudar o potencial de influência da mídia em diversos contextos do âmbito político ou como ela é utilizada por governos e outros atores para influir o curso de determinadas situações. Isto é visto em especial nos casos de suas teorias do Consenso Fabricado e *Media Diplomacy*. Nota-se, assim, o poder de influência midiática, atuando como um grupo de pressão por meio de suas coberturas no papel de ator mediador ou até promovendo negociações nas relações internacionais (GILBOA 2002).

O conturbado processo de adesão da Venezuela ao MERCOSUL, finalizado em 2012, chamou a atenção da opinião pública em toda a América Latina. No Brasil, dois dos principais jornais do país, *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo*, realizaram uma cobertura abrangente dos principais fatos do processo, externando seu posicionamento sobre o tema em diversos editoriais e artigos de opinião.

Diante do exposto, à luz dos debates relacionados a atuação dos veículos de comunicação em assuntos de política externa, o presente artigo tem por objetivo analisar a cobertura dos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* sobre o processo de adesão da Venezuela ao MERCOSUL entre dezembro de 2005 e dezembro de 2012.

O estudo está dividido em três partes. A primeira parte trata das discussões relacionadas à mídia e as relações internacionais. Assim, serão evidenciadas as principais teorias que norteiam os estudos da área. Autores como Noam Chomsky, Eytan Gilboa, e Edward Herman fornecerão as bases teóricas que nortearão este trabalho. A segunda parte, por sua vez, visa familiarizar o leitor sobre o processo de adesão da Venezuela ao MERCOSUL. Será exposto como se deu o processo de adesão da Venezuela, bem como os principais fatos que marcaram o processo de adesão do novo membro. Por fim, na terceira parte será feita a análise da cobertura dos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* sobre o processo de adesão venezuelana. Não menos importante, serão

expostos os princípios metodológicos adotados para a realização deste artigo. A seção final apresenta as considerações finais de nossa investigação sobre o tema supracitado.

2. MÍDIA E POLÍTICA EXTERNA

O estudo analítico de política externa foca-se no exame de como as decisões externas são tomadas conforme a estrutura institucional de um Estado, os grupos e atores que influenciam este último, e o papel dos indivíduos diretamente envolvidos com a formulação de políticas. O debate remonta ao realismo que domina o ambiente acadêmico de relações internacionais no pós II Guerra Mundial. Será na crítica às proposições do realismo que nascem as teorias de análise de política externa.

Não é preocupação do realismo saber com profundidade os condicionantes das decisões do Estado, haja vista que o que interessa para essa corrente são as decisões governamentais baseadas em um instinto de sobrevivência soberana, independente de como essa decisão foi internamente tomada e como se chegou a ela. Nisso, perde-se de vista o papel que joga um indivíduo ou uma organização no processo decisório, tornando uma análise de política externa incompleta. Como dito por Celestino del Arenal (1999, p.250),

Com o início do estudo da teoria da decisão se produz uma mudança fundamental, na qual esta não dirige sua atenção como abstrações metafísicas ou aos governos como blocos monolíticos frente ao exterior, mas sim trata de iluminar o comportamento, e os condicionantes do mesmo, dos encarregados de elaborar a política exterior enquanto seres humanos submetidos a múltiplas pressões e influências.

Dentre estas múltiplas influências na política exterior, encontra-se a mídia. Com o advento da globalização aumentaram os fluxos de comércio, capital e pessoas pelo mundo, impulsionados pelo grande desenvolvimento tecnológico e de infraestrutura, de modo que é possível observar um mundo mais interligado. Concomitantemente, as comunicações se desenvolvem de maneira ímpar, introduzindo a virtualidade e a velocidade em um espaço-mundo feito de redes e fluxos (BARBERO, 2004). Dentro deste contexto, Valerie Hudson coloca que a mídia é um dos atores domésticos mais importantes na análise de política exterior (HUDSON, 2013, p. 145).

Foi no bojo deste fenômeno, que envolve uma mudança relevante nos padrões das comunicações, e o seu aumento de sua influência nos governos nacionais, que a relação entre a mídia e política externa começou a ser mais cuidadosamente estudada na academia. Não obstante teóricos como Bernard Cohen já examinassem o fenômeno nos anos 1960 (ver COHEN, 1963), Gilboa (2001) expõe que os estudos relacionados à temática tiveram um aumento significativo com advento da cobertura da invasão do Iraque em 1990/1991 e com o aumento das redes de televisão com cobertura global.

Esta tendência, somada às mudanças na relação entre mídia e governos, bem como o crescimento das redes de televisão, levou ao desenvolvimento da “diplomacia midiática”, campo interdisciplinar, que engloba os estudos relacionados a Comunicação, Ciências Políticas e Relações Internacionais. Segundo Burity (2013),

Trata-se de um campo que analisa os efeitos dos modernos meios de comunicação e da imprensa sobre os assuntos de Estado em política externa e que trata também da interferência desses novos meios na agenda internacional e na disputa pelo poder.

Diante do exposto, algumas características da mídia devem ser destacadas. Segundo Camargo (2008), “a mídia pode ser considerada um ator de múltiplas faces, cujo semblante depende do contexto, do tipo de veículo e da própria direção do meio de comunicação. Assim, não é possível imprimir uma identidade fixa da mídia no cenário internacional”.

Ainda para Camargo (2008), o jornalismo vincula informações com um caráter enviesado, que de certa forma não reflete os dois lados da história. Para confirmar essa característica, ela expõe três pontos: uma única fonte de informação oriunda de países desenvolvidos; monopólio de grandes corporações e a verticalização das notícias que expõem visões tendenciosas sobre certas situações.

Nesse contexto, destacam-se algumas teorias que auxiliam o entendimento da relação da mídia e política externa. Uma teoria que se aproxima do caráter enviesado da informação é a elaborada por Chomsky e Herman (1988). A teoria do “consenso fabricado” expõe que a mídia é utilizada para construir uma opinião comum em prol das classes dominantes e do governo, ou seja, cria-se um consenso sobre determinados assuntos. Ferreira (2011) expõe que:

A ideia chomskyana de manipulação do público afirma que durante o período da Guerra Fria, a mídia de massa norte-americana se comportou inúmeras vezes de acordo com os interesses dos empresários e do governo dos Estados Unidos, no que tange a assuntos internacionais, para fabricar o consenso da opinião pública. (FERREIRA, 2011, p. 13)

A teoria do “consenso fabricado” busca, segundo Ferreira (2011) “analisar a estrutura da mídia a partir de uma análise sobre a propriedade, as relações com o governo e os empresários, e a ideologia dominante do governo, que de acordo com os atores, acaba influenciando na produção de notícias sobre determinado tema contrário aos interesses do governo e dos empresários”.¹

¹ A teoria do “Consenso Fabricado”, idealizada por Chomsky e Herman (1988), analisam a manipulação de mídia através de cinco filtros. O primeiro filtro “Porte, prioridade e orientação para os lucros de massa” evidencia o viés das notícias vinculadas pelos principais veículos de comunicação estadunidenses, controlados por poucas empresas. O segundo filtro, “A licença da propaganda para fazer negócios”, expõe a relação econômica entre os grupos de comunicação e os anunciantes que pagam por espaços em revistas e jornais. Já o terceiro filtro, “Buscando fontes de notícias de mídia de massa”, expõe que a mídia busca como fonte de notícias os órgãos governamentais, pois eles tendem a ser mais confiáveis. O quarto filtro, intitulado de “A bateria de reações negativas e os fiscais de cumprimento”

Proposições como as de Gilboa expõem uma atuação mais variada da mídia e em certos casos seu protagonismo na política externa. Segundo Camargo (2007), há uma complexidade maior na relação entre mídia e política externa do que a exposta por Chomsky e Herman (1988). Em *“Diplomacy in the media age: Three models of uses and effects”*, Gilboa (2001) propõe que o estudo da diplomacia midiática deve ser norteado por três modelos: diplomacia pública, diplomacia da mídia e diplomacia feita pela mídia.

A diplomacia pública, segundo Burity (2013), visa a construção da imagem de um país no exterior por meio da comunicação direta com governos e indivíduos, em que se utiliza da mídia de massa e outros meios para disseminar a cultura e ideologias. Gilboa (2001) evidencia esse tipo de diplomacia com as disputas entre os EUA e a URSS na época da Guerra Fria, no qual ambos os países buscavam influenciar governos e indivíduos por meio da maciça utilização dos meios de comunicação.

Já a diplomacia da mídia, segundo Gilboa (2001), ocorre quando as partes utilizam da mídia para fomentar caminhos que levem ao avanço de negociações e à solução de problemas. Por fim, a diplomacia feita pela mídia, segundo Burity (2013), compreende os meios de comunicação como atores das relações internacionais. Gilboa (2001) expõe os jornalistas como mediadores de conflitos, atuando na fase de pré-negociação, em que estes auxiliam na exposição e análise de pontos negativos e positivos.

Posteriormente em *“Global Communication and Foreign Policy”*, Gilboa (2002) aborda os efeitos da mídia global na formulação e condução da política externa. Segundo o autor, os efeitos que a mídia exerce na condução e formulação da política externa versam pela possibilidade de constrangimento e criação de oportunidade para que os líderes políticos atinjam seus objetivos. Para analisar a atuação da mídia, Gilboa (2002) concebe quatro categorias de atores: controlador, constrangedor, interventor e instrumental. O ator controlador (também chamado “efeito CNN”) expõe que a mídia global estaria tomando o controle dos processos de tomada de decisão em política externa, principalmente em casos relacionados a intervenções militares e humanitárias, assim como em temas de segurança e defesa.

O ator constrangedor age para afetar o tomador de decisões no curto prazo, em que se posiciona como mais um membro a influenciar o processo de tomada de decisão. A cobertura da Guerra do Golfo (1991) realizada pela CNN é exposta por Eytan Gilboa como um exemplo de ator constrangedor. Segundo Gilboa (2002), a CNN serviu como meio de comunicação entre os líderes

evidencia os efeitos que algumas notícias possam ter para algumas empresas e para o governo dos Estados Unidos. Por fim, o quinto filtro, “O anticomunismo como mecanismo de controle”, expõe que, com contexto da guerra fria, os veículos de comunicação davam respaldo às ações dos EUA contra a ameaça comunista.

envolvidos no conflito; além disso, as reportagens relatando o conflito informavam mais rapidamente os líderes do que os canais diplomáticos oficiais.

Por sua vez, a mídia como ator interventor é tratada por Gilboa (2002) como mediadora de certas situações em política externa. “A revolução da comunicação tem inspirado proeminentes jornalistas a assumir, diretamente e indiretamente, papéis de mediação em complicados conflitos internacionais” (GILBOA 2002, p.738).

O ator instrumental, segundo Gilboa (2002), se relaciona com a diplomacia da mídia. A mídia é utilizada como um instrumento para mobilizar apoio e acelerar negociações. Um bom exemplo da mídia como ator instrumental é a atuação da mídia brasileira na mobilização do governo brasileiro e do MERCOSUL em prol de um acordo comercial com a União Europeia. Assim, grupos como *O Globo*, *O Estado de São Paulo* e *Folha de São Paulo* expõem em seus artigos de opinião e matérias a importância do acordo para o Brasil e para o bloco.²

Com base no contexto acima explanado, pode-se notar que a mídia é um ator relevante em assuntos de política externa. As proposições de Gilboa (2001 e 2002), Chomsky e Herman (1988) expõem as múltiplas facetas da mídia e a amplitude de sua atuação no que tange à política externa, auxiliando o entendimento de como esse ator exerce sua influência em relação aos tomadores de decisão. É a partir dos conceitos expostos acima que se conduziu a análise das notícias vinculadas por dois dos maiores jornais do país que abordaram o processo de adesão da Venezuela ao MERCOSUL.

3. A VENEZUELA E O MERCOSUL

3.1 A adesão da Venezuela ao arcabouço institucional do MERCOSUL

Foi com o objetivo de impulsionar sua economia e de participar de um foro de debate político alinhado com suas ideologias³, que o então presidente da Venezuela, Hugo Chávez, iniciou os

² Ver mais em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/11/brasil-quer-acordo-mercosul-eu-concluido-ate-2016-diz-ministro.html>>. Acesso em: 20 nov. 2016. <<http://opiniao.estadao.com.br/noticias/geral,diplomacia-e-modernizacao,10000051919>>. Acesso em: 20 mar. 2016. <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/05/1770146-ue-exclui-etanol-e-carne-de-oferta-de-acordo-com-mercosul.shtml>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

³ Oliveira (2012) expõe que a constituição venezuelana de 1999, proposta por Hugo Chávez, promoveu mudanças de orientação sutis no que tange às relações exteriores. É possível perceber um discurso mais enfático em assuntos relacionados à defesa nacional, solidariedade internacional, ao processo de integração regional e aprovação de tratados internacionais. De fato, essas mudanças foram observadas no decorrer do governo de Hugo Chávez. A Venezuela endossou um forte discurso de oposição às políticas dos Estados Unidos, expondo a necessidade de se desvincular das políticas capitalistas estadunidenses, levantando a bandeira do “socialismo do século XXI”. A criação da Alternativa Bolivariana para a América Latina e o Caribe (ALBA), formada por Bolívia, Cuba, Nicarágua e Venezuela, foi um exemplo claro das tentativas de Chávez de combater a influência dos EUA na região. Um produto dessa “política anti-

trâmites para a adesão de seu país como membro pleno do MERCOSUL no ano de 2005. Para aderir ao Mercado Comum do Sul, Chávez retirou a Venezuela da Comunidade Andina de Nações (CAN) sob a justificativa de que o bloco

[...] estava muito enfraquecida pela ingerência dos Estados Unidos através de mecanismos comerciais como a *Ley de Preferencias Arancelarias Andinas y de Erradicación de la Droga* (ATPDEA), a proposta do Tratado de Livre Comercio, que até então havia sido assinado pela Colômbia e pelo Peru, e por mecanismos políticos militares como o Plano Colômbia, instrumento este que é visto como a ponte futura para uma intervenção norte-americana na Venezuela. (VILLA, 2007, p. 15)

Assim, em dezembro de 2005, na Cúpula dos Chefes de Estado do MERCOSUL, sob a justificativa de que estava aderindo ao “novo MERCOSUL” – diferente daquele MERCOSUL de uma vertente neoliberal dos presidentes Carlos Menem e Fernando Henrique Cardoso – argumentando que, além do peso econômico que traria consigo, a sua entrada deixaria o bloco mais igualitário (GOLDZWEIG, 2013, p. 4), o presidente da Venezuela, Hugo Chávez, formalizou a decisão do país de fazer parte do bloco e iniciou as tratativas para determinar os alinhamentos necessários a fim de que a adesão fosse confirmada.

Em 2006 a entrada da Venezuela como membro em vias de adesão foi confirmada. O país comprometeu-se a adotar as demais normativas do bloco em até 4 anos, alinhando suas políticas econômicas e tarifárias com a dos demais países. Um grupo de trabalho foi criado em 04 de agosto de 2006, com o intuito de agilizar o processo, facilitando os debates entre os Estados-membros. Segundo o BID (2014), quatro áreas foram consideradas os pilares para as negociações. O primeiro pilar foi a implementação do livre comércio entre a Venezuela e o MERCOSUL.

O segundo pilar é a adoção da Tarifa Externa Comum (TEC). O relatório do Banco Interamericano de Desenvolvimento de 2014 expõe que a Venezuela aderiu à TEC em 2012, com a convergência total dividida em quatro etapas. A terceira etapa é a adesão ao acervo normativo do bloco. O BID (2014) expõe que a adesão ao acervo normativo foi dividida em três conjuntos de cronogramas, os quais o país deve seguir para aderir em totalidade às normas do bloco. Por fim, o quarto pilar seria a adesão aos acordos assinados pelo MERCOSUL ou em negociação.

Ruiz (2009) expõe que, por conta da finalização do Grupo de Trabalho, “corresponde ao Conselho do Mercado Comum considerar os avanços alcançados, a sua formalização e a continuidade dos trabalhos nas áreas pendentes”. O cumprimento dos prazos e medidas estabelecidas, além do alinhamento ao arcabouço institucional do MERCOSUL e a ratificação dos

imperialista” foi a priorização das relações com a América. (VILLA, 2007, p. 5). A adesão ao MERCOSUL foi fruto desse novo rumo da política externa venezuelana adotada por Chávez.

congressos nacionais do Protocolo de Caracas iriam consumir a entrada da Venezuela no bloco. Foi justamente a demora da ratificação pelos congressos nacionais dos Estados-membro que gerou atritos entre a Venezuela e os demais países do bloco, o que atrasou a entrada oficial do país no MERCOSUL.

3.2 Repercussões políticas do processo de adesão da Venezuela ao MERCOSUL

A aceitação da Venezuela no bloco foi condicionada ao alinhamento com o arcabouço institucional do MERCOSUL. Não menos importante, a finalização do processo também dependia da ratificação dos parlamentos nacionais.

O Protocolo de Adesão da Venezuela ao MERCOSUL, assinado em Caracas, previa que no prazo de quatro anos os venezuelanos já se tornariam um membro permanente do bloco, mediante a conclusão da aprovação pelos Congressos Nacionais dos quatro membros do MERCOSUL. (ARCE E SILVA, 2012, p. 64)

Foi justamente a demora na ratificação do Protocolo de Caracas pelos congressos nacionais, somada a algumas medidas e declarações do então presidente Hugo Chávez, que gerou atritos entre os governos e trouxe questionamentos sobre os benefícios da entrada venezuelana. O processo de adesão, que deveria ser finalizado em 2010, só teve fim em 2012, após um conturbado processo político que incluiu a suspensão temporária do Paraguai do bloco.

A adesão do novo membro reforçou o debate a respeito do novo rumo traçado pelo MERCOSUL, que partia para uma integração mais social e político-ideológica em detrimento de uma integração puramente econômica. Conforme exposto por Hoffman, Coutinho e Kfuri (2008), o MERCOSUL se encontra em uma fase de revitalização impulsionado pela criação de novos órgãos e por uma agenda que inclui temas sociais e políticos.

Nos parlamentos da Argentina e do Uruguai o Protocolo não encontrou dificuldades para ser aprovado. “Em um trâmite rápido e praticamente sem debate, o Parlamento argentino aprovou na quarta-feira à noite a entrada da Venezuela como membro de pleno direito do Mercosul, um bloco também integrado por Brasil, Paraguai e Uruguai” (UOL, 2006). No dia 2 de novembro de 2006, o Parlamento uruguaio também aprovou a entrada da Venezuela no Mercosul. “Aprova-se o Protocolo de Adesão da República Bolivariana da Venezuela ao MERCOSUL assinado na cidade de Caracas, República Bolivariana da Venezuela em 4 de julho de 2006” (PARLAMENTO DEL URUGUAY, 2006, tradução nossa).

Com a rápida aprovação dos Paramentos argentino e uruguaio, restou aos Paramentos do Brasil e Paraguai a missão de finalizar o processo de adesão venezuelana. No Brasil a adesão venezuelana gerou divergências no parlamento. Segundo Goldzweig (2013), a base aliada do governo naquele ano defendia que a integração venezuelana fortaleceria o bloco, além de dar um perfil exportador de energia, graças às reservas petrolíferas venezuelanas. A oposição enxergava no governo de Hugo Chávez um potencial desestabilizador do bloco, atrasando o processo de integração.

Em 2007, um fato importante gerou protestos por parte da oposição brasileira: o governo Chávez decidiu não renovar a concessão de transmissão da RCTV (Rádio Caracas Televisión). A não renovação, segundo a oposição brasileira, seria “uma prova concreta das acusações de violação dos preceitos democráticos por parte da Venezuela” (GOLDZWEIG, 2013, p. 5).

A este respeito o Congresso brasileiro aprovou uma nota de repúdio a ação do Presidente da Venezuela, Hugo Chávez, que respondeu com críticas. Instaurou-se assim, uma crise entre os países. Enquanto o Senado esperava um pedido formal de desculpas do Presidente venezuelano, o presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, amenizava as reações afirmando que aquela deveria ser uma decisão soberana do país. (NOGUEIRA, 2007, p. 1)

Goldzweig (2013) também expõe que alguns parlamentares brasileiros até propuseram a expulsão da Venezuela do MERCOSUL. A partir dos fatos expostos é possível observar uma conjuntura desfavorável para a aprovação da adesão venezuelana. A situação se prolongou até que, em 2008, a Câmara dos Deputados aprovou o decreto que autorizava a entrada da Venezuela no MERCOSUL, restando apenas a aprovação do Senado brasileiro.

Entretanto, outro acontecimento político interno na Venezuela gerou novas críticas: o presidente Hugo Chávez, após referendo popular, conseguiu a aprovação da reeleição ilimitada, credenciando-o a possibilidade de concorrer novamente nas eleições. “[...] alguns críticos acusaram o país, mais uma vez, de estar indo contra as cláusulas democráticas do MERCOSUL, já que a alternância no poder é uma das principais características da democracia” (GOLDZWEIG, 2013, p. 7).

Outro acontecimento que gerou incerteza a respeito da aprovação do Parlamento brasileiro a adesão da Venezuela foi a declaração do presidente Hugo Chávez de que: “[...] os líderes militares do país deveriam estar preparados para uma guerra no continente, em virtude da decisão colombiana de permitir a presença militar dos Estados Unidos no país no intuito de colaborar na luta contra as Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia).” (GOLDZWEIG, 2013, p.7)

A oposição brasileira mais uma vez condenou a atitude do mandatário venezuelano, expondo que as políticas de Chávez causariam instabilidade na região e, portanto, os possíveis ganhos obtidos

com a integração poderiam ser perdidos. Apesar do conturbado processo no congresso brasileiro, no dia 15 de dezembro de 2009 o senado aprovou a adesão venezuelana por 35 votos a favor contra 27 votos contrários.

A aprovação por parte do parlamento brasileiro colocou pressão sobre o parlamento paraguaio para a rápida aprovação. No dia 4 de julho de 2007, após diversos adiamentos com a justificativa de que não era o “melhor momento” para dar andamento ao processo, o projeto de ratificação foi enviado para apreciação do legislativo pelo então presidente, Nicanor Duarte. Apesar do pequeno avanço, assim como no Brasil, a situação prolongou-se por alguns anos.

Em agosto de 2009, o governo do Paraguai retirou do congresso “o pedido de concordância sobre o ingresso da Venezuela no MERCOSUL, com o objetivo de evitar uma rejeição parlamentar que poderia afetar as boas relações entre os dois países” (ABRIL, 2009). Apesar de ser simpático ao governo de Chávez, o presidente Fernando Lugo não obtinha da maioria necessária para a aprovação do projeto.

A demora na aprovação do Parlamento paraguaio estendeu-se até 2012 quando, após o *impeachment* do Presidente Fernando Lugo, o Paraguai foi suspenso do MERCOSUL. A justificativa para a suspensão foi o não cumprimento da cláusula democrática do Protocolo de Ushuaia. Assim, o Paraguai ficou suspenso até a realização de novas eleições, abrindo espaço para a adesão da Venezuela. Após 6 anos da ratificação do Protocolo de Caracas e um conturbado processo de adesão, a Venezuela finalmente tornou-se membro pleno do MERCOSUL. O congresso paraguaio ainda votou simbolicamente a não admissão da Venezuela, entretanto, a votação não teve efeito pois o país estava suspenso.

A suspensão do Paraguai foi revogada em julho de 2013, quando o presidente eleito Horacio Cartes tomou posse. Em dezembro do mesmo ano o congresso paraguaio voltou atrás e aprovou a entrada da Venezuela no MERCOSUL, normalizando as relações entre o país e o bloco.⁴

4. A MÍDIA BRASILEIRA E A ADESÃO DA VENEZUELA AO MERCOSUL

Na primeira seção deste trabalho foi possível observar como mídia e política externa se relacionam. Proposições como as de Gilboa (2002) e Chomsky e Herman (1998) expõem a mídia como um ator relevante nas relações internacionais. Gilboa (2002) evidencia a atuação da mídia em quatro categorias: controladora, constrangedora, interventora e instrumental. Não menos importante,

⁴ Ver mais em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2013/12/19/internacional/1387413875_732555.html>. Acesso em 27 mar. 2016.

na segunda seção foi exposto o processo de gestação e desenvolvimento do Mercado Comum do Sul, além do processo de adesão da Venezuela ao bloco.

Diante do arcabouço teórico evidenciado anteriormente, esta seção tem por objetivo principal analisar a cobertura dos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* sobre aceitação do novo membro pleno à luz dos debates relacionados à mídia e à política externa. Além da metodologia de análise, os pormenores de cada cobertura e uma breve exposição sobre a história de cada veículo serão expostos.

4.1 Seleção e análise das notícias

Foram escolhidos como objetos de análise os jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo (Estadão)*.⁵ A escolha dos jornais ocorreu baseada em dois fatores. O primeiro fator é o alcance dos jornais. Ambos, segundo dados da Associação Nacional de Jornais, estão entre os jornais mais vendidos do Brasil desde 2005⁶, credenciando-os como dois dos maiores jornais do país. A existência de um sistema de busca eficiente é outro fator que culminou na escolha dos jornais. Foi possível encontrar um bom número de notícias sobre o tema de maneira otimizada, englobando editoriais, notícias informativas e artigos de opinião⁷.

Foi feita uma análise de conteúdo de maneira a verificar analiticamente as notícias publicadas pela *Folha* e *Estadão*. Considerando que se intentou verificar o diagnóstico feito pelos dois jornais sobre a entrada da Venezuela no Mercosul, a técnica de análise de conteúdo foi fundamental, ao “desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação” (LAVILLE & DIONNE, 1999, p. 214; FERREIRA; FONSECA; VIEIRA, 2016, p.60-61).

Seguiram-se as três etapas que Bardin (1977) sugere para organização da análise de conteúdo (BARDIN, 1977, p. 95): na pré análise, foram selecionadas 295 notícias entre dezembro de 2005 e dezembro de 2012 que abordaram a temática da integração da Venezuela ao MERCOSUL. O período selecionado compreende a confirmação das intenções da Venezuela em aderir ao bloco e o último mês do ano em que a adesão venezuelana foi confirmada. É importante destacar que no universo das notícias selecionadas encontram-se artigos de opinião, notícias informativas e editoriais. A variedade dos tipos de notícias selecionadas nos ajuda a entender de maneira mais clara qual o real posicionamento desses jornais sobre a Venezuela no MERCOSUL.

⁵ Os jornais *Super Notícia* e *O Globo* também se classificam como dois jornais de grande circulação, e em alguns casos maior que os jornais selecionados para essa análise. Entretanto, por conta dos critérios adotados eles não foram selecionados para esse trabalho.

⁶ Para mais informações acessar: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>.

⁷ Agradecemos aqui a sugestão de um dos pareceristas anônimos que permitiu clarificar esta etapa do trabalho.

Em seguida, na fase exploratória, os materiais foram examinados estruturando-os de acordo com os três momentos principais do processo de admissão do novo membro. O primeiro momento é o período entre a sinalização da Venezuela em aderir ao bloco como membro pleno e a assinatura do Protocolo de Adesão, ou seja, entre os anos de 2005 e 2006. O segundo período tem início após a assinatura do Protocolo de Caracas e vai até a aprovação da entrada da Venezuela por parte do Parlamento brasileiro, entre os anos de 2006 e 2009. O último período é entre 2009 e 2012, isto é, tem início após a ratificação do Protocolo de Adesão por parte do Parlamento do Brasil e vai até o fim do ano de 2012, ano em que a Venezuela foi confirmada como membro pleno do MERCOSUL. A fase final, referente à análise interpretativa, categorizamos conforme as duas fontes de pesquisa que nos propusemos a analisar o viés, ou seja, os jornais *Folha* e *Estadão*.

4.2 Análise da cobertura do jornal *O Estado de São Paulo* sobre a entrada da Venezuela no MERCOSUL

A cobertura do *Estado de São Paulo*⁸ sobre o processo de adesão da Venezuela ao MERCOSUL foi vasta. De acordo com os parâmetros expostos anteriormente foram identificadas 140 notícias que abordam a temática da adesão venezuelana ao bloco, sejam elas informativas ou opinativas (Tabela 1). Entre os anos de 2005 e 2012, período no qual a análise foi feita, o jornal publicou 11 editoriais abordando a temática da adesão venezuelana ao MERCOSUL.

A análise das notícias selecionadas expôs que grande parte do conteúdo publicado pelo jornal baseou-se em informações da Agência Estado, que faz parte do grupo Estadão. É importante destacar que a cobertura da suspensão do Paraguai e a subsequente adesão da Venezuela foi baseada em informações de agências como a BBC, Reuters e EFE (Tabela 2).

Tabela 1. Notícias informativas, editoriais e artigos de opinião no *Estado de São Paulo*

Informação	113
Editoriais	11
Opinião	16
Total	140

Fonte: Elaborado própria.

⁸ O Estado de São Paulo foi fundado em 1875 com o nome de A Província de São Paulo. Atualmente tem uma média de 149.241 e 71.146 exemplares impressos e digitais vendidos diariamente. Os números credenciam o jornal como um dos maiores do país.

Tabela 2. Notícias produzidas pelo *Estadão* x notícias vinculadas por outras agências de notícias

Produzidas pelo Grupo <i>Estadão</i>	89
Em conjunto/ou por outras agências de notícias	24
Total	113

Fonte: Elaborado própria.

Durante a fase inicial da adesão da venezuelana, foi possível observar o enfoque da redação do jornal em repercutir o lado político do processo de adesão. Nesse sentido, o *Estadão* configurou a entrada da Venezuela como uma ameaça ao Brasil, tendo em vista o protagonismo político e o bom momento da economia do país de Hugo Chávez. Não menos importante, segundo o jornal, o novo membro poderia travar futuras negociações comerciais com os Estados Unidos e a União Europeia.

Com a inclusão da Venezuela, o jogo de forças dentro do Mercosul, provavelmente, mudará, segundo observadores do campo diplomático. A tendência é o Brasil perder a posição central que hoje exerce no bloco para o país de Chávez, favorecido neste momento pela abundância de recursos obtidos pela venda de petróleo a altos preços. Outra possível consequência é a mudança no jogo das negociações comerciais em andamento pelo Mercosul com a União Europeia (UE) e os Estados Unidos. (ESTADÃO, 2005a)

Em outras notícias, tais como “Polêmica adesão da Venezuela marcará Cúpula do Mercosul”, “Impacto da entrada da Venezuela preocupa Mercosul”, “FHC diz ao ‘El País’ que MERCOSUL ‘está agonizando’” e “Lavagna é contra Venezuela no MERCOSUL”, o jornal reforçou a conotação política dada ao processo, assim como a negatividade com que a adesão da Venezuela é retratada, contribuindo para a construção de opiniões negativas sobre o tema. É importante destacar que durante a fase inicial do processo, não identificamos editoriais que abordavam a temática.

No início da segunda fase do processo, logo após a assinatura do Protocolo de Adesão, *O Estado de São Paulo* passou a tratar das implicações econômicas da integração da Venezuela ao bloco e, para isso, utilizou como fontes principais o empresariado brasileiro, venezuelano e alguns analistas. Segundo as fontes consultadas, os benefícios econômicos seriam incertos. Além disso, o bloco poderia se tornar um foro mais político e ideológico do que econômico.

Posteriormente, com o início dos debates nos Parlamentos Nacionais, incumbidos de aprovar a adesão venezuelana e finalizar o processo de integração do novo membro, o *Estadão* focou sua cobertura nas repercussões políticas da adesão. Assim, entre os anos de 2006 e 2009, período que

compreende a assinatura do Protocolo de Caracas e a ratificação do protocolo pelo Congresso brasileiro, o *Estado de São Paulo* focou sua cobertura nas repercussões políticas do processo.

Como pode ser visto da Tabela 3, foi possível observar a predominância de notícias sobre o assunto Venezuela no MERCOSUL nas editorias de economia e política. A publicação de notícias nessas editorias aproxima o tema do dia-dia da população, pois não há uma restrição a um único caderno de notícias com a temática internacional.

Tabela 3: Número de matérias sobre a Venezuela e o MERCOSUL nas editorias do *Estado de São Paulo* entre 2006 e 2009⁹

Editoria	Nº de notícias
Economia	25
Política	29
Internacional	6
Opinião e Editoria	6

Fonte: Elaborado própria.

Durante a segunda fase do processo foram vinculados 6 artigos de opinião, sendo 2 editoriais. Os artigos foram publicados no período em que o Parlamento brasileiro debatia a aceitação ou não do novo membro. Em “MERCOSUL Bolivariano”¹⁰ e “A Argentina, Chávez e o Mercosul”¹¹ o jornal expõe que o Brasil não ganharia nada com a adesão da Venezuela, além de que um novo sócio dificultaria a já engessada tomada de decisão do bloco. Não menos importante, o jornal reafirma sua aversão a figura do ex-presidente venezuelano Hugo Chávez.

A articulação dos objetivos ficará ainda mais complicada, se for preciso levar em conta as opiniões do presidente Hugo Chávez. Ele já afirmou não ter interesse no Mercosul tal como está hoje constituído. Mas o Mercosul não desagrade a Chávez por causa de seus impasses comerciais e de seu mau funcionamento como união aduaneira. Desagrada-lhe, com certeza, por não se enquadrar, por exemplo, nos princípios e nos objetivos da ALBA. (ESTADÃO, 2009a)

⁹ Não dividiu-se aqui opinião e editoria como feito na Tabela 1 por se tratar de um quantitativo de matérias por setor das editorias do jornal, na qual opinião e editoria estão juntas. O mesmo vale para a tabela 7 posteriormente apresentada.

¹⁰ Ver mais em: <<http://opiniao.estadao.com.br/noticias/geral,mercosul-bolivariano,365489>>. Acesso em: 01 abr. 2016.

¹¹ Ver mais em: <<http://opiniao.estadao.com.br/noticias/geral,a-argentina-chavez-e-o-mercosul,381359>>. Acesso em: 01 abr. 2016.

Os outros quatro artigos de opinião vinculados entre 2006 e 2009 foram assinados por estudiosos da área, tais como Celso Lafer e Denis Rosenfield.¹² O posicionamento contrário à adesão do novo membro se manteve: os autores expuseram justificativas baseadas principalmente na defesa da democracia e em um MERCOSUL menos “ideológico”, que atendesse ao real princípio que era a integração econômica.

A partir da leitura dos artigos de opinião desse período, é possível observar a tentativa do jornal em constranger o Parlamento brasileiro a não aceitar a Venezuela no bloco, configurando-se como um ator constrangedor, segundo as proposições de Gilboa (2002). Para que esse objetivo fosse alcançado, o jornal utilizou de seu alcance e influência para pressionar os parlamentares, expondo de maneira maciça que a Venezuela, sob o governo de Hugo Chávez, não respeitava os preceitos democráticos e que a adesão do novo membro representava um movimento ideológico do bloco, desvirtuando-se do principal objetivo que é a integração econômica.

Se houvesse dúvidas quanto à autoritária do presidente venezuelano, sobraria ainda essa questão fundamental: por que sujeitar os interesses externos do Mercosul aos caprichos de um homem como Chávez, que já declarou que quer ingressar o bloco para transforma-lo em instrumento de seu projeto bolivariano? Em Brasília, os senadores governistas, obedientes ao presidente Lula, provavelmente votarão a favor do caudilho venezuelano. Caberá aos oposicionistas impedir o desastre. (ESTADÃO, 2009b)

Na terceira fase do processo de adesão, entre os anos de 2010 e 2011, *O Estado de São Paulo* focou sua cobertura na demora da ratificação da adesão venezuelana por parte do congresso paraguaio e a pressão que os governos de Brasil, Argentina e Uruguai exerciam sobre o Paraguai para acelerar o processo. Foi exposta a contrariedade do parlamento do Paraguai em tratar o assunto, focando principalmente no fato do então presidente do país, Fernando Lugo, não ter maioria na casa. A divisão no Paraguai foi evidenciada em notícias como “Entrada da Venezuela no MERCOSUL provoca divisões no Paraguai”,¹³ “Paraguaio defende veto a Venezuela no MERCOSUL”¹⁴ e “Paraguai não vê chances de votar acesso da Venezuela ao MERCOSUL”¹⁵.

Durante o período, o *Estadão* publicou cinco artigos de opinião destacando, mais uma vez, as dificuldades políticas e econômicas existentes no bloco e enfatizando os futuros problemas que

¹² Celso Lafer é formado em Direito e possui doutorado em Ciência Política. Foi Ministro de Relações Exteriores em 1992 e de 2001 a 2002. Foi embaixador na OMC e ONU. Denis Rosenfield é doutor em filosofia e leciona na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹³ Mais informações em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,entrada-da-venezuela-no-mercosul-provoca-divisoes-no-paraguai,483326>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

¹⁴ Mais informações em: <<http://www.territorioeldorado.limao.com.br/noticias/not26219.shtm>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

¹⁵ Mais informações em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,paraguai-nao-ve-chances-de-votar-acesso-da-venezuela-ao-mercosul,21879e>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

viriam com a adesão da Venezuela e suas políticas pró-esquerda. A crítica mais contundente pode ser observada em “Falta consertar o Mercosul”¹⁶, na qual o chanceler Celso Amorim é questionado a respeito do velho problema da Tarifa Externa Comum (TEC) e sobre os benefícios de incluir o país de Hugo Chávez no bloco.

Tabela 4: Editoriais do Estado de São Paulo entre 2010 e 2011 sobre o processo de adesão da Venezuela ao MERCOSUL

Mercosul e integração regional	27 de abril de 2010
A saga do Mercosul	10 de agosto de 2010
O peso morto do Mercosul	18 de agosto de 2010
Falta consenso no Mercosul	21 de outubro de 2010
O terceiro fracasso do Mercosul	05 de fevereiro de 2011

Fonte: Elaborado própria.

Diante do exposto, é possível observar a manutenção da opinião crítica do jornal para com a Venezuela, Hugo Chávez, o MERCOSUL e o governo do Brasil. A recorrência das opiniões negativas do jornal em seus editoriais, portanto, tentam criar um consenso entre os seus leitores de que o rumo que o MERCOSUL tomaria com o novo membro não seria benéfico, exercendo pressão sob os tomadores de decisão para que essa decisão fosse revista. Essa pressão aumenta no sentido em que o processo de adesão se estende desde 2006, ficando evidente que não houve e que não há um consenso total nos Parlamentos do Brasil e do Paraguai de que a adesão será positiva para o bloco.

Posteriormente, no ano de 2012, o jornal fez uma grande cobertura a respeito do *impeachment* do presidente do Paraguai, Fernando Lugo, e a manobra institucional realizada pelo MERCOSUL para incluir a Venezuela no bloco. Em “Paraguai será suspenso do Mercosul”¹⁷, o jornal, com informações de Marcia Carmo da BBC, reportou a decisão do bloco em suspender o Paraguai baseado na cláusula democrática do Protocolo de Ushuaia. Posteriormente, o *Estado* expôs em “Mercosul define sanções leves contra o Paraguai”¹⁸ a reunião que definiu as sanções impostas pelo bloco ao membro suspenso.

¹⁶ Mais informações em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,falta-consertar-o-mercosul-imp-,627747>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

¹⁷ Mais informações em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,paraguai-sera-suspenso-do-mercosul,893077>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

¹⁸ Mais informações em: <<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,mercosul-define-sancoes-leves-contr-paraguai,893434>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

No dia 03 de julho de 2012, o jornal publicou o editorial “Golpe contra o Mercosul”¹⁹. Como o próprio título já diz, o *Estadão* caracterizou a manobra utilizada para incluir a Venezuela como um golpe, criticando as presidentes Cristina Kirchner e Dilma Rousseff, líderes do processo.

Em outras palavras, há bons argumentos para qualificar como golpe a manobra utilizada para possibilitar a admissão de Hugo Chávez como membro pleno da mesa diretora do Mercosul. Quem nessa história, merece de fato ser chamado de golpista? Até agora, os presidentes e diplomatas envolvidos na condenação do Paraguai foram incapazes de sustentar sua decisão em um claro fundamento jurídico. (ESTADÃO, 2012a)

No dia 06 de julho de 2012, o jornal voltou a publicar um editorial tratando do conturbado processo de adesão da Venezuela. Em “O desmonte do Mercosul” o jornal focou nas divergências entre o governo uruguaio sobre apoiar ou não a suspensão do Paraguai e a consequente adesão da Venezuela, ressaltando sua discordância com o processo.

Não há como deixar de lado as instituições e ao mesmo tempo alegar razões políticas para justificar o golpe contra o Mercosul. Nem o recurso a argumentos do mais grosseiro pragmatismo torna menos desastrosa – e desastrosa – a manobra dos três presidentes. Não se pode apontar o fortalecimento do bloco, sob nenhum aspecto, com a admissão da Venezuela bolivariana. Não há nenhum compromisso de Hugo Chávez com a democracia, nem com o funcionamento minimamente livre dos mercados, nem com a convivência civilizada entre nações (ESTADÃO, 2012b)

No dia 29 de junho de 2012, *O Estado de São Paulo* noticiou a adesão do país de Hugo Chávez no MERCOSUL. A partir de então, o jornal publicou nove artigos de opinião tratando do tema da adesão, o maior número de artigos publicados dentre as três fases do processo de adesão. O grande volume de artigos de opinião nesse período reforçou o posicionamento contrário do jornal exposto ao longo do processo. Foram feitas críticas contundentes ao projeto político traçado para o MERCOSUL, assim como à política externa do governo do PT.

O ingresso da Venezuela de Chávez nada acrescenta, economicamente, à cambaleante união aduaneira. Do ponto de vista diplomático, a presença do chefe bolivariano será mais um entrave a negociações com parceiros relevantes, com os Estados Unidos e a União Europeia. Será, igualmente, um complicador adicional em discussões de alcance global. Neste momento, já é um fator de desagregação. (ESTADÃO, 2012b)

¹⁹ Mais informações em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,golpe-contr-o-merc-sul-imp-,894875>>. Acesso em: 02 abr. 2016.

4.3 Análise da cobertura do jornal *Folha de São Paulo* sobre a entrada da Venezuela no MERCOSUL

Durante os anos de 2005 e 2012, seguindo os parâmetros de pesquisa expostos anteriormente, a *Folha*²⁰ publicou 155 notícias de caráter informativo ou opinativo abordando a adesão venezuelana ao MERCOSUL (Tabela 4). Foram identificadas 41 notícias produzidas por ou em conjunto com outras agências de notícias (Tabela 5). Ao analisar as notícias selecionadas, foi possível observar um grande número de notícias publicadas na editoria internacional, as demais notícias foram publicadas nas seções de economia, política, Brasil e na seção da BBC. (tabela 6). Durante o processo de adesão da Venezuela ao MERCOSUL, a *Folha* vinculou 10 editoriais abordando o tema.

Tabela 5: Notícias informativas, editoriais e artigos de opinião no *Folha de São Paulo*

Informação	126
Editoriais	10
Opinião	19
Total	155

Fonte: Elaborado própria.

Tabela 6: Notícias produzidas pelo jornal x notícias vinculadas por outras agências de notícias

Produzidas internamente	85
Em conjunto/ou por outras agências de notícias	41
Total	126

Fonte: Elaborado própria.

Tabela 7: Notícias produzidas pelo jornal segundo as editorias

Opinião/colunas/editoria	29
Mercado/dinheiro/economia	17
Mundo/internacional	43
BBC ²¹	13
Política/poder	25
Brasil	28

Fonte: Elaborado própria.

²⁰ Fundada em 1921 sob o nome de Folha da Noite, a Folha de São Paulo foi pioneira nas publicações coloridas e na utilização de sistemas eletrônicos. Segundo dados da Associação Nacional de Jornais, a média de circulação da versão impressa é de 175.441 exemplares, já na versão digital circulam 134.895 exemplares.

²¹ Na seção internacional, a Folha de São Paulo reserva um espaço para notícias produzidas pela BBC.

No tocante à primeira fase do processo de adesão da Venezuela como membro pleno do MERCOSUL, a *Folha de São Paulo* iniciou sua cobertura tratando de maneira negativa a inclusão do novo membro. No mês de dezembro de 2005, foram publicadas sete notícias dentre análises, reportagens, artigos de opinião e um editorial. Em apenas uma delas não foi possível identificar o posicionamento negativo do jornal em relação ao processo.

No dia 10 de dezembro de 2005, o Professor Luiz Alberto Moniz Bandeira em “Venezuela é Indispensável” expôs seu posicionamento favorável a adesão da Venezuela ao MERCOSUL. Segundo Bandeira (2005), o objetivo do MERCOSUL não era só o de constituir um bloco dos países do cone Sul, mas em constituir uma união aduaneira aberta aos demais países da região. Nesse sentido a adesão da Venezuela seria para Bandeira de grande importância para o fortalecimento do bloco.

Durante a fase inicial a *Folha* também vinculou entrevistas e estudos sobre o tema da Venezuela no MERCOSUL, ambos retratando com negatividade a adesão do novo membro. Em “Venezuela ajuda pouco Mercosul, diz estudo”, a *Folha de São Paulo* expôs um estudo feito pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) que indica poucos ganhos com a adesão venezuelana. “Segundo estudo realizado pela CNI (Confederação Nacional da Indústria), a entrada do novo sócio aumenta o PIB (Produto Interno Bruto) do Mercosul em 7,7%, mas diminui a renda per capita do bloco em 3,5%”. (DIANNI, 2006)

As críticas econômicas feitas ao bloco e à adesão do novo membro dividiram as páginas do jornal com a figura de Hugo Chávez. O editorial “Venezuela no Mercosul”²² expôs que, apesar do potencial econômico, o presidente do país, Hugo Chávez, poderia vir a ser um problema para o bloco.

O novo membro tem capacidade econômica para fomentar o processo de integração, mas ainda persistem muitas dúvidas acerca dos impactos da adesão. O nome da incerteza é Hugo Chávez. Com sua retórica “bolivariana”, o presidente venezuelano poderá trazer muito mais problemas do que soluções, atuando para acirrar os conflitos com os EUA. (ESTADÃO, 2005b)

Nesse sentido, foi possível observar uma maior criticidade da *Folha* sobre o presidente Hugo Chávez e suas políticas pouco democráticas, além do discurso contra os EUA. “O presidente venezuelano foi a estrela da Cúpula das Américas, quando participou dos encontros oficiais e dos protestos, sempre com virulentos ataques a George W. Bush”. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2005)

²² Mais informações em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1212200502.htm>>. Acesso em: 07 abr. 2016

Após a assinatura do Protocolo de Caracas, a *Folha de São Paulo* vinculou um editorial intitulado de “Pés de barro”²³, onde reafirma a posição do jornal contra o bloco e o presidente Hugo Chávez. O jornal expôs que o bloco não tinha suas bases consolidadas e por isso não deveria receber um novo membro, além de acreditar que a Venezuela e o seu presidente poderiam desestabilizar o bloco que já atravessava problemas internos.

Com a assinatura do Protocolo de Adesão, a *Folha* iniciou a cobertura das votações dos congressos nacionais incumbidos de finalizar o processo, aceitando ou não o novo membro. Assim, a *Folha de São Paulo* focou sua cobertura no jogo de poder entre o governo e a oposição na Câmara e no Senado Federal. A maioria das notícias vinculadas entre 2006 e 2009 tratou sobre a demora do Congresso em votar a adesão venezuelana, resultado da falta de apoio do governo sobre o tema, além do trabalho da oposição dificultando a votação da matéria.

O ex-presidente do Senado, José Sarney, foi figura recorrente nas notícias vinculadas pela *Folha* por seu posicionamento contrário à adesão da Venezuela. Não menos importante, a *Folha de São Paulo* também expôs o posicionamento de outros parlamentares tais como Tasso Jereissati, Fernando Collor e Romero Jucá, que publicou um artigo de opinião na *Folha de São Paulo*. Intitulado de “Sem o Norte, não há Mercosul pleno”, o senador expõe seu posicionamento a favor da adesão da Venezuela ao Mercosul. Segundo Jucá, a integração da Venezuela ajudaria a fortalecer o Mercosul, além disso, Jucá refuta os questionamentos sobre a fragilidade da democracia no país de Hugo Chávez.

O protocolo de Ushuaia vem sendo, por outro lado, reiteradamente brandido pelos críticos da Venezuela. A cláusula democrática e a cláusula da unanimidade são colocadas como obstáculos à pretensão venezuelana. Com efeito, o protocolo afirma a necessidade de plena vigência das instituições democráticas. Ora, a Venezuela realizou, desde 1998, 12 eleições, todas consideradas livres, legítimas, por isentos observadores internacionais, como o Centro Carter, a OEA e governos estrangeiros. (JUCÁ, 2009)

Nota-se aqui que na análise que é maior a diversidade de visões na área de editorial e opinião da *Folha* em comparação com o *Estadão*. Além do posicionamento dos parlamentares citados anteriormente, a *Folha* também expôs o posicionamento de outros atores, tais como Luiz Inácio Lula da Silva, Chávez, Celso Amorim e políticos paraguaios. Dessa forma, é possível observar – para além da diversidade – a utilização da mídia por membros do governo como um canal diplomático para pressionar e acelerar as negociações para a aceitação do novo membro. E essa

²³ Mais informações em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0607200601.htm>>. Acesso em: 09 abr. 2016.

grande utilização, evidenciada em artigos de opinião publicados por líderes do governo e apoiadores na *Folha*, é um bom exemplo do conceito de diplomacia na mídia de Gilboa (2001).²⁴

Não menos importante, durante as discussões no Congresso nacional sobre a aceitação ou não da Venezuela, a *Folha* publicou cinco editoriais mantendo o tom crítico sobre a adesão do novo membro e ao presidente Hugo Chávez. O editorial “O melhor é dizer não”²⁵ foi claramente endereçado aos parlamentares brasileiros que tratavam sobre o tema. Dentro outros motivos para dizer não, o jornal expõe que com o novo membro, o bloco ficaria ingovernável, além de que a figura de Hugo Chávez poderia dificultar acordos com os EUA e União Europeia.

Dar a Chávez o poder de veto no Mercosul seria caminhar no sentido contrário. O bloco, cujo manejo já é delicado, ficaria virtualmente ingovernável. A possibilidade de acordos amplos com os EUA e a própria União Europeia diminuiria bastante. Por tudo isso, o melhor é que o Congresso diga não à entrada da Venezuela no Mercosul. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2007)

Diante do exposto, é possível observar a clara atuação do jornal em prol da não adesão da Venezuela, configurando a *Folha de São Paulo*, segundo as proposições de Gilboa (2002) como um ator constrangedor. Não menos importante, as críticas feitas pelo jornal ao longo de sua cobertura sobre o tema evidenciam sua discordância com a linha de política externa adotada pelo governo do PT, que buscou reforçar os laços com os países em desenvolvimento, bem como desenvolver o MERCOSUL em detrimento a uma política externa orientada para o Norte.

Tabela 8: Editoriais da Folha de São Paulo entre 2006 e 2009 sobre o processo de adesão da Venezuela ao MERCOSUL

Pés de Barro	06 de julho de 2006
Bloco de parolagem	19 de janeiro de 2007
Pressão sobre Chávez	02 de junho de 2007
A última de Chávez	05 de junho de 2007
O melhor é dizer não	25 de novembro de 2007
Convite ao Tumulto	30 de outubro de 2009

Fonte: Elaborado própria.

Com a confirmação do Congresso brasileiro, restava a aprovação do Paraguai para que o processo de adesão fosse finalizado. O jornal destacou que a suspensão do Paraguai e a incorporação da Venezuela feriram os princípios do bloco, caracterizando-se como um ato ilegal e imperialista.

²⁴ Ver anexo B nº 117, 116, 114, 84, 79, 73, 63, 57.

²⁵ Mais informações em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2511200701.htm>>. Acesso em: 09 out. 2016.

A opinião da Folha pode ser observada de maneira mais contundente nos artigos de opinião, editoriais e análises publicadas durante o período, tais como “O Brasil pode tudo?”, “A ilegalidade da incorporação da Venezuela”, “Democracia paraguaia”, “MERCOSUL e as sanções no direito comunitário” e “Sem rumo no MERCOSUL”.

No editorial “Sem rumo no MERCOSUL”, vinculado no dia 02 de agosto de 2012, a *Folha de São Paulo* expõe que a decisão de suspender o Paraguai do bloco e incorporar a Venezuela seguiu a linha ideológica que o MERCOSUL vem tomando, que consiste no alinhamento à esquerda. Segundo o jornal, os motivos para a suspensão do Paraguai não foram claros, além de que o processo no país seguiu o texto da constituição. Assim, a *Folha* utiliza do fato para confirmar que o seu posicionamento contrário à adesão da Venezuela estava correto, pois os benefícios não eram claros e a figura de Hugo Chávez poderia desestabilizar o bloco ainda mais. “Seria ingênuo a presidente Dilma Rousseff esperar de Chávez, cada vez mais confundido com o Estado venezuelano, comportamento menos inconfiável que o voluntarismo de Cristina Kirchner. Com eles, o Mercosul seguirá patinando”. (FOLHA DE SÃO PAULO, 2012)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a analisar a cobertura dos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* sobre o processo de adesão da Venezuela ao MERCOSUL. Para que essa análise fosse factível, evidenciamos duas das principais teorias que abordam a relação entre a mídia e a política externa. Foi possível observar que, com o desenvolvimento tecnológico e organizacional dos meios de comunicação, assim como o advento da globalização, a mídia tornou-se um ator relevante e ativo nas relações internacionais. Conceitos como o “consenso fabricado” e a “diplomacia midiática” exemplificam como a mídia pode atuar em questões de política externa, seja na formulação de um consenso comum sobre um tema, ainda que com distorções, ou atuando de maneira ativa na mediação de conflitos e até mesmo constringendo os tomadores de decisão a agirem de certa maneira.

Portanto, o papel da mídia nos assuntos de política externa não deve ser ignorado. Assim, conforme expõe Burity (2012), “seja como instrumento de captação de poder ou como ator diplomático, os meios de comunicação ganham espaço acadêmico nos estudos de comunicação e relações internacionais [...]”. Compreendidas as questões relacionadas à mídia e às relações internacionais e tendo como base a contextualização do desenvolvimento do MERCOSUL, bem como o processo de adesão da Venezuela àquela organização, este trabalho buscou analisar a cobertura da *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* sobre a temática.

A análise de conteúdo das matérias e artigos de opinião vinculadas pelos jornais expõe a semelhança da cobertura dos periódicos. Foi possível observar a parcialidade dos jornais ao tratar do tema. Ambos os veículos focaram suas coberturas nos aspectos negativos da adesão do novo membro ao MERCOSUL, externando seu posicionamento contrário à Venezuela e ao próprio MERCOSUL, tendo em vista as recorrentes menções sobre os problemas políticos e econômicos enfrentados pelo bloco. Constata-se que a negatividade com que se tratou o tema faz parte de uma crítica maior à linha de política externa adotada pelo governo de centro-esquerda do PT.

Não menos importante, *Folha* e *Estadão* caracterizaram Hugo Chávez como “ditador” e “antidemocrático”, um potencial desestabilizador do bloco. E essa visão unilateral do governante, reafirmada pelas notícias dos jornais, ajudou a criar uma imagem negativa do mandatário venezuelano. Outro aspecto a se analisar sobre a cobertura dos dois jornais são os editoriais, que explicitamente revelam o posicionamento contrário dos dois jornais acerca da adesão da Venezuela ao MERCOSUL.

A união de notícias de cunho negativo e a construção de um personagem antidemocrático, aliados a editoriais de posicionamento contrário dos dois veículos, expõem as tentativas da *Folha* e do *Estadão* de construir um consenso no país de que a adesão venezuelana não seria benéfica para o país nem para o MERCOSUL. Portanto, ambos os jornais se configuraram como atores constrangedores em todo o processo, pois, por meio de seus editoriais, artigos de opinião e notícias tentaram influenciar os tomadores de decisões de que a adesão do novo membro não traria benefícios ao bloco e ao país. Apesar das constantes tentativas dos dois jornais em subverter o processo de expansão do bloco, a uniformidade política de parte dos membros do bloco e o aproveitamento de uma situação de instabilidade no Paraguai acabaram por enfraquecer a tendência de ambos os jornais em fomentar uma agenda diferente para o MERCOSUL, não sendo possível a esses veículos serem atores controladores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRIL. Paraguai adia decisão sobre entrada da Venezuela no MERCOSUL. *Abril*, 13 de agosto de 2009. Disponível em: <<http://www.abril.com.br/noticias/mundo/paraguai-adia-decisao-entrada-venezuela-mercosul-491587.shtml>>. Acesso em: 12 mai. 2016.

ARCE, Anatólio. M. e SILVA, Marcos. A. D. Venezuela e MERCOSUL: uma inserção via Brasil?. *Conjuntura Austral*, Porto Alegre 3 (12), 2012: 61-85.

ARENAL, Celestino. *Introducción a las Relaciones Internacionales*. Madri: Editorial Technos, 1999.

BANDEIRA, Moniz. Venezuela é indispensável. *Folha de São Paulo*, 10 de dezembro de 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi1012200538.htm>>. Acesso em: 10 out. 2016.

BARBERO, Jesús-Martin. Globalização Comunicacional e transformação cultural. IN: MORAES, Denis. *Por uma outra comunicação: Mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

BARDIN, Lawrence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BID. Setor de integração e comércio (INT). *Informe Mercosul n° 18*. 2014. Disponível em: <[https://publications.iadb.org/bitstream/handle/11319/6020/Informe%20MERCOSUL%20N%C2%B0%2018%20\(2012-2013\)%20Segundo%20semestre%202012%20-%20Primeiro%20semestre%202013.pdf?sequence=4](https://publications.iadb.org/bitstream/handle/11319/6020/Informe%20MERCOSUL%20N%C2%B0%2018%20(2012-2013)%20Segundo%20semestre%202012%20-%20Primeiro%20semestre%202013.pdf?sequence=4)>. Acesso em: 03 dez. 2016

BURITY, Caroline Rangel Travassos. A influência da mídia nas relações internacionais: um estudo teórico a partir do conceito de diplomacia midiática. *Contemporânea* 21 11 (1), 2013.

BURITY, Caroline R. T. *Mídia e Relações internacionais: Diplomacia midiática no governo Lula (2003-2010)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual da Paraíba, 2012.

CAMARGO, Julia F. O papel dos atores domésticos no processo de tomada de decisão em política externa: Uma análise da mídia. *I Simpósio em Relações Internacionais do Programa de pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (UNESP, UNICAMP e PUC-SP)*, 2007. Disponível em: <<http://www.santiagodantassp.locaweb.com.br/br/simp/artigos/camargo.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2016

CAMARGO, Julia Faria. Ecos do fragor: a invasão do Iraque em 2003: a mídia internacional e a imprensa brasileira. Phd diss., Universidade de Brasília, 2008.

CHOMSKY, Noam. *A manipulação do público*. São Paulo: Futura, 2003.

COHEN, Bernard. *The Press and the Foreign Policy*. Princeton : Princeton Univ. Press, 1963.

DIANNI, Cláudia. Venezuela ajuda pouco Mercosul, diz estudo”, *Folha de São Paulo*, 26 de janeiro de 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi2601200611.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

FERREIRA, André Fernandes. *A mídia e a política externa dos Estados Unidos: Uma análise crítica*. Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais – FAJS, Curso de Relações Internacionais, 2011. Disponível em: <<http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/3411/3/20666722.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2016.

FERREIRA, M. A. S. V., FONSECA, L. R. B. & VIEIRA, E. P. M. Os diagnósticos sobre paz e segurança no Brasil: uma análise comparativa das bases de dados sobre violência e conflitos, *Conjuntura Austral*, v. 7, n. 38, p. 60-73, 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO. Chávez traz incerteza para bloco comercial. *Folha de São Paulo*, 09 de novembro de 2005a. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi0912200540.htm>>. Acesso em 15 abr. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO. Venezuela no Mercosul”. *Folha de São Paulo*, 12 de dezembro de 2005b. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1212200502.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO. Pés de barro. *Folha de São Paulo*, 06 de julho de 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0607200601.htm>>. Acesso em 15 abr. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO. O melhor é dizer não. *Folha de São Paulo*, 25 de novembro de 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2511200701.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO. Sem rumo no Mercosul. *Folha de São Paulo* 02 de agosto de 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2012/08/1130076-editorial-sem-rumo-no-mercosul.shtml>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

FREIXO, Adriano de; RODRIGUES, Guilherme Sobrinho Lopes. Imprensa e Política Externa: o ABC Color e as renegociações do acordo de Itaipu (2008-2011). *Carta Internacional*, v. 9, n. 2, jul-dez 2014, p. 109-124.

FRIEDMAN, Thomas L. *The World is Flat: a Brief History of the Twenty-Frist Century*. Farrar, Straus and Giroux, 2005.

GILBOA, Eytan. Diplomacy in the media age: three models of uses and effects. *Diplomacy & Statecraft*, v. 12, n. 2, p. 1-28, 2001.

GILBOA, Eytan. Global Communication and Foreign Policy. *Journal of Communication* 52 (4): 731-748, 2002. DOI: 10.1111/j.1460-2466.2002.tb02571.x

GOLDZWEIG, Rafael S. “A Entrada da Venezuela no Mercosul: Análise dos Aspectos Políticos e Econômicos”. *RICRI - Revista de Iniciação Científica em Relações Internacionais*, vol. 1, No 1, pp. 02-29, 2013.

HUDSON, Valerie. *Foreign Policy Analysis: Classic and Contemporary Theory*. New York : Rowman & Littlefield, 2013.

JUCÁ, Romero. Sem o norte, não há Mercosul pleno. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 09 out. 2009. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0910200908.htm>>. Acesso em: 10 de mai. 2016.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. Das Informações à Conclusão: Análise de conteúdo. In: LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

NOGUEIRA, Joana Laura Marinho. A Venezuela no Mercosul. *Conjuntura Internacional*, PUC Minas, 11 de julho de 2007.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Venezuela deve tornar-se 5º membro do Mercosul. *O Estado de São Paulo*, 15 de outubro de 2005a. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,venezuela-deve-tornar-se-5-membro-do-mercotel,20051015p9567>>. Acesso em: 24 mar. 2016

O ESTADO DE SÃO PAULO. Mercosul bolivariano. *O Estado de São Paulo*, 05 de maio 2009a. Disponível em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,mercotel-bolivariano,365489>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

O ESTADO DE SÃO PAULO. A Argentina, Chávez e o Mercosul. *O Estado de São Paulo*, 03 de junho de 2009b. Disponível em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,a-argentina-chavez-e-o-mercotel,381359>>. Acesso em 24. mar. 2016.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Golpe contra o Mercosul. *O Estado de São Paulo*, 03 de julho de 2012a. Disponível em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,golpe-contra-o-mercotel-imp-,894875>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

O ESTADO DE SÃO PAULO. O desmonte do Mercosul. *O Estado de São Paulo*, 06 de julho de 2012b. Disponível em: <<http://opinioao.estadao.com.br/noticias/geral,o-desmonte-do-mercotel-imp-,896656>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

OLIVEIRA, R. P. Política Externa do governo Chávez: seus principais fundamentos e objetivos. In OLIVEIRA, R. P., NOGUEIRA, S. G., and MELO, F. R. (orgs.) *América Andina: integração regional, segurança e outros olhares* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2012. pp. 59-80.

PARLAMENTO DEL URUGUAY. *Protocolo de Adhesión de la República Bolivariana de Venezuela al MERCOSUR*. 02 de novembro de 2006. Disponível em: <https://parlamento.gub.uy/documentosyleyes/leyes?Ly_Nro=18053&Searchtext=&Ly_fechaDePromulgacion%5Bmin%5D%5Bdate%5D=04-02-2016&Ly_fechaDePromulgacion%5Bmax%5D%5Bdate%5D=22-08-2016>. Acesso em: 14 abr. 2016.

RUIZ, José Briceño. El ingreso de Venezuela miembro pleno del MERCOSUR. Las miradas de um proceso complejo. *Revista Aportes para la Integración Latinoamericana*. Año XV, n. 20 jun. 2009.

UOL. Parlamento argentino aprova entrada da Venezuela no MERCOSUL”. *UOL*, 07 de dezembro de 2006. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/efe/2006/12/07/ult1767u81856.jhtm>>. Acesso em 15 abr. 2016.

VILLA, Rafael. A política externa venezuelana de Chávez para a América do Sul: entre a ideologização das identidades e as necessidades do pragmatismo. *Observatório Político Sul-Americano*. RJ: IUPERJ, Análise de Conjuntura n. 10, out. 2007.